

**TRADIÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA EM TORNO DAS
PROVAS DO SUJEITO EM
DEU A LOUCA NA CHAPEUZINHO**

Evanete Barboza de Lima
evanete.lima@ig.com.br

O filme “*Deu a louca na Chapeuzinho*” (2005), possibilita uma releitura do conto tradicional “*Chapeuzinho Vermelho*”, no qual se baseia, retomando-o e inovando-lhe o enredo. Há um bandido guloso roubando as receitas de doces dos moradores da floresta e é preciso descobri-lo. Para tanto, a polícia toma os depoimentos dos envolvidos na intriga; cada narrativa, segundo o ponto de vista de cada depoente, é como uma peça de um quebra-cabeça que vai sendo montado até se chegar à verdade. Nessa trama, o personagem feminino, um narrador suspeito, tem que superar provas para alcançar sua meta: proteger o livro de receita da família, considerado, neste trabalho, como um livro de memória, a escrita de uma cultura transmitida de geração a geração (tradição) que remonta à época do ser primitivo. O lobo também tem que superar provas referentes ao *Ethos*: construção de sua auto-imagem que quebra a tradicional concepção do lobo como mau, na tentativa de conferir esse *status* à vovó e a menina. A partir desses pressupostos, instauram-se as seguintes questões: em que o filme respeita e transgreda a estrutura do conto original? O que amarra todas as narrativas para se chegar à verdade? Frente a essa problemática que se levanta em relação à perspectiva deste trabalho, o mesmo propõe uma análise do *corpus* eleito que enfatize a conservação da tradição – o uso do capuz pela menina – e o resgate da memória, simbolizado na recuperação do livro de receita, como prova final do sujeito.

Para este trabalho, tomemos o conceito de “conto de fada” conforme Torreira (1985, p. 13, 16-18): “*é o que se caracteriza por apresentar a intervenção do maravilhoso no destino do personagem ou personagens principais (herói ou heróis).*” De acordo com as *características formais desse gênero* (ibidem), vejamos as particularidades do filme que respeitam e transgridem a estrutura do conto original: a) O filme não começa com “Era uma vez”, mas o *tempo é indeterminado, num passado indefinido*; b) *Espaço geográfico indefi-*

CRÍTICA LITERÁRIA II

nido: os espaços se dividem em interior (a casa da vovó) e exterior (floresta e montanha); *c) Personagens típicos*: na maioria dos contos de fada, os personagens não têm nome próprio, são representados por seu papel social e/ou familiar. Os nomes podem sugerir uma peculiaridade e a vestimenta, uma denominação metonímica da personagem. No filme, temos uma *tradição /transgressão* na atribuição de nome próprio que identifica o personagem: a vovó tem um nome que aponta para a tradição familiar, conservada por mulheres: as Pucketts. Já o nome da menina, também ligado à tradição familiar, sugere uma peculiaridade, respeitando o conto tradicional: –“*por que chapeuzinho Vermelho?*” – é a pergunta do inspetor Nick. –“*Chapeuzinho Vermelho por causa do capuz vermelho que eu uso*” – responde a menina. *d) Personagens maravilhosos*: é natural a conversa entre o ser humano e uma pedra, uma árvore, um pássaro. Para Torreira, esses poderiam ser considerados como extensões das fadas boas ou más (bruxas). Aos que auxiliam o (s) herói (s), chamam-se mediadores e aos que se opõem, antagonistas. No filme, Chapeuzinho conversa com os pássaros, que a ajudam a fugir do Lobo, mas sua grande mediadora é sua avó. Os demais personagens são comuns à maioria dos contos de fada: sapo, coelho, porquinho etc; *e) Prova*: o herói tem que realizar tarefas quase sempre impossíveis e consegue com a intervenção de uma fada ou de um objeto mágico. No filme, a personagem feminina tem que superar provas para conquistar a meta pretendida: proteger o livro de receita da família, levando-o para a casa da vovó. O Lobo também tem que superar provas, na tentativa de mostrar que a vovó e sua neta são as vilãs da história; *f) Presença da oposição bem versus mal*: os personagens destacados dos contos de fada representam as forças do bem e do mal sem meio termo – ou é totalmente bom ou totalmente mau. O antagonista da narrativa fílmica é o coelho: –“*Você é um coelho muito mau*” – diz-lhe a menina, quando o enfrenta; *g) Recompensa: final feliz*. O livro roubado pelo coelho é recuperado, a menina volta a usar o capuz que abandonara e a vovó, a menina e o Lobo são convidados pelo inspetor Nick para trabalharem na agência de investigação “*Final Feliz para sempre*”.

O presente da narrativa: o narrador não reproduz a fala do sujeito, cada “*eu*” é responsável por seu discurso. O que já era fato apresenta-se em cada narrativa como se fosse algo acontecendo num

aqui e num agora, anterior ao presente da narrativa e “reinventado”²¹ a cada vez que um narrador/enunciador narra/enuncia, apontando para a enunciação, presenteia-se o passado e o “agora” é um tempo novo, ainda não vivido (Silva, 2005, p. 50, 53)²², pois, embora seja fato para o narrador (eu), é desconhecido do inspetor (tu) e do espectador – alguém exterior ao ato de narrar que, ausente, toma conhecimento dos fatos ao mesmo tempo em que o inspetor. Nesse modo de narrar, temos um enunciado dialogal que se inscreve numa interação na qual pode ser interrompido ou desviado a qualquer momento pelo interlocutor-inspetor (Maingueneau, 2002, p. 53), pois cada narrador fala em forma de depoimento que, como fios, tece a narrativa, fornecendo as provas necessárias para desvendar a intriga e se chegar à verdade. O inspetor Nick Pirueta sabe que está diante de um grande quebra-cabeça, mas, no final, todas as peças se encaixarão.

IMPLICAÇÕES NA FALA DO NARRADOR NO INÍCIO DO FILME

Chapeuzinho Vermelho! Você conhece a história, mas toda história tem sempre mais do que contam. É como aquele velho ditado: Não julgue um livro pela capa, se você quiser saber a verdade, tem que virar as páginas.

Os contos são narrativas criadas e transmitidas oralmente pelo povo e esse narrador afirma que o espectador conhece a história de Chapeuzinho vermelho. Ele parece querer instigar o receptor a buscar uma verdade que possivelmente existe na tão conhecida história e que não foi contada, verdade que não pode ser sustentada apenas pelo que se vê na capa do livro que aparece no início do filme e no início da fala de cada um dos quatro narradores da história recontada em “*Deu a louca na Chapeuzinho*”.

Antes do início propriamente dito do filme, há um resumo das narrativas da menina e de sua avó; em seguida, tem-se a conclusão a

²¹ Concepção de Benveniste (*Apud* Silva, 2005, p. 50, 53).

²² Gustavo Adolfo Pinheiro da Silva (2005) afirma que, segundo Maingueneau, há uma oposição entre enunciado e enunciação: “*aquele é a marca do acontecimento que é a enunciação*” (2004, p. 56).

CRÍTICA LITERÁRIA II

que chegou o inspetor Nick e que pode ser considerada como uma pista para que o receptor amarre a narrativa e também chegue à verdade: “– *Precisamos de um mandato de prisão para um bichinho pequeno e felpudo*”.

O filme propicia a discussão sobre a retomada de textos clássicos e a possibilidade de se ter registros e releituras diferentes. Não se cria uma nova história, apropria-se de uma já existente, usada como centro temático da narrativa fílmica, na qual há uma ampliação da extensão do conto original: a história é retomada, o enredo é renovado ao mesmo tempo em que se recupera o conto clássico. O inspetor enfatiza que há “*quatro suspeitos, o que significa quatro histórias*”, quatro pontos de vista diferentes e que propiciam essas releituras ao espectador.

No texto-base, a menina é designada pela mãe a ir à casa da vovó, porém no filme ela faz entregas de doces para a confeitaria de sua avó. A narrativa está repleta de elementos que representam a modernidade: gravador, aparelho que capta som, telefone, carros, bonde, ventilador, televisão, máquina fotográfica, bicicleta etc. Também há os elementos referentes à memória: os quadros na parede redonda da cozinha que remontam à época do homem primitivo, a partir dos quais a vovó conta a história das Pucketts para a neta (todas usavam capuz e faziam doces, espalhando doçura pelo mundo), e o livro de receita da família.

Há, então, dois livros na trama: o do começo do filme e o de receitas, formando, assim, uma dicotomia: narração X escrita, sendo que cada conceito dessa dicotomia, guarda algo em comum: são duas escrituras de gêneros diferentes que convergem para a TRADIÇÃO e a MEMÓRIA. Tomemos uma cena do filme, em que a personagem Chapeuzinho, aborrecida com sua avó, tira o capuz, deixando-o cair no chão e imersa em profunda tristeza, recorda um diálogo que as duas tiveram na cozinha da matriarca:

Chapeuzinho: – Como consegue se lembrar dessas receitas todas?

Vovó: – Estão todas aqui nesse livro, todas as receitas criadas pela família Puckett, geração após geração. Veja, aquela é Silvia Puckett, do Pólo Norte, ela encontrou o melhor chocolate quente do mundo lá. E aquela é Ema Puckett, ela voou com queijadinhas para o outro lado do oceano. Oh, desde que se descobriu que os bichos gostam de guloseimas, as Pucketts fazem e colecionam receitas por todo o mundo, aprimorando,

dando o toque especial das Pucketts. Entende, Chapeuzinho, quando você põe o seu capuz, você carrega uma tradição maravilhosa. É um trabalho divino levar doçuras ao mundo.

O segundo livro, o de receita, mencionado nesse diálogo, tem a ver com a tradição – pois as receitas são criadas geração após geração: é a escrita de uma cultura que se transmite e se perpetua no seio familiar –, e a memória: tudo está escrito para não ser esquecido. O primeiro livro, entretanto, remete ao conto e está relacionado com os quatro pontos de vista da narrativa, pois é aberto toda vez que uma personagem começa a narrar. Esse abrir do livro aponta para a narração de uma história que se perpetuou (memória) através da tradição oral.

Entretanto, o que há na capa desse livro? A imagem de um lobo feroz e uma menina de capuz, muito assustada, que remete à tradicional história de um lobo mau que devora a vovó doente que mora em um bosque e sua inocente netinha, a quem dera um chapeuzinho de veludo vermelho e que vai visitá-la, levando-lhe, a mando de sua mãe, vinho e bolo debaixo de seu avental²³. Para saber a verdade sobre as imagens da capa, é preciso virar as páginas.

E ABRIU-SE O PRIMEIRO LIVRO

No começo do filme, após os resumos das narrativas da neta e sua avó, o livro de título *“Red Riding Hood”* é aberto na primeira página e a câmera avança para a casa da Sr. Puckett. A menina acaba de chegar e percebe algo estranho: o lobo está disfarçado e, ao se revelar, ela lhe diz: – *“Você de novo?”* – dando a entender ao receptor que eles já se conheciam. – *“Ah! Seu lobo maluco! O que você fez com a vovó?”* – é a pergunta que lhe faz, obtendo a seguinte resposta: – *“Já cuidei da sua avó e você é a próxima”* –, mas, amarrada, a vovó sai do armário e, no mesmo instante, entra um lenhador pela janela. Até aqui, ainda não sabemos o enredo do filme.

A retomada de alguns pontos da história tradicional (1ª história)

– Foi um dia como qualquer outro. Eu estava fazendo entrega para a confeitaria da minha avó.

²³ Versão dos irmãos Grimm

CRÍTICA LITERÁRIA II

Com essas palavras, a menina começa a narrar, tornando em presente para o inspetor e o espectador aquilo que para ela é um passado bem próximo. Aparece o primeiro livro sendo desfolhado; aberto na primeira página, dá uma visão geral da floresta, porém a câmera avança para a casa de Chapeuzinho de onde sai em sua bicicleta. Enquanto a avó vive uma vida louca, ela entrega os doces de sua confeitaria; encontra o coelho e vê as pessoas abandonando suas casas. Os moradores da floresta têm suas receitas roubadas e, falidos, precisam se deslocar. Os doces estavam virando uma espécie em extinção, era preciso fazer alguma coisa. Para contar-lhe o que estava acontecendo, a menina liga primeira vez para sua avó que se omite, dizendo não poder fazer nada, pois é apenas uma velha aposentada, e não concorda com a neta, que quer atravessar a floresta com o livro de receita da família para protegê-lo do bandido guloso. Aborrecida, Chapeuzinho sobe para a casinha na árvore e está conversando com um pássaro quando escuta um barulho, desce e vê que o vidro da porta de sua casa fora quebrado, entra e acha uma pedra na qual está escrito *“you’re next”* (*“você é a próxima”*).

Chapeuzinho crescera sem que sua avó percebesse; não é questionada sobre o que quer, mas questiona, pois está vivendo um conflito interno: é uma adolescente que nunca saiu da floresta e que vive presa às vontades da vovó Puckett até que, ao ser ameaçada, toma uma decisão por conta própria: desobedecendo a ordem da matriarca, tira o livro do cofre da família e empreende uma travessia pela floresta, a fim de chegar a sua casa com o livro salvo. Proteger o livro de receita da família pode ser entendido como conservar a TRADIÇÃO e preservar a MEMÓRIA.

Ao empreender a travessia, chega à casa de um bode que só fala cantando por ter sido enfeitiçado por uma bruxa, de lá liga segunda vez para sua avó; o espectador já sabe que esta, naquele momento, participa de um campeonato de esportes radicais na neve, pois essa informação já fora fornecida no resumo de sua narrativa no início do filme. A esquiadora emite um grito, desliga o celular e sua neta pensa que ela está em perigo.

PROVAS DO SUJEITO OU HEROÍNA

Em sua travessia, Chapeuzinho cai do bonde guiado pelo coelho no meio da escuridão da floresta e é abordada pelo Lobo. Nesse contexto não temos a menina inocente do conto original – esta não alimenta conversa com estranhos e acha que o Lobo faz perguntas demais. Ao se assustar com um grito e um gesto do canídeo em sua direção, ela foge e, com a ajuda dos pássaros, consegue enganá-lo; ao cair no rio, este promete pegá-las – ela e a avó – e provar que as mesmas são pessoas más.

A menina segue por um atalho, uma trilha antiga e pede ajuda ao bode; quando estão no carrinho, nos trilhos na montanha, são surpreendidos por uma avalanche e pelos trilhos explodidos; o carrinho em que estão cai e, de repente, aparece sua avó voando; ao ver a neta caindo, grita: – “Chapeuzinho, use o seu capuz, use o seu capuz”. A menina, espantada, obedece e é salva, ela e a cesta em que escondera o livro.

Tendo vencido esses incidentes, chega, afinal, à casa da vovó e, para cumprir sua promessa, o Lobo já está lá, disfarçado da matriarca e em cima de sua cama. Ela entra, vai até o quarto e começa o diálogo que remete à história tradicional.

– Que mãos grandes você tem!” – “E que orelhas enormes você tem!

– E, vovó, que olhos grandes você tem!” – “E, além de tudo, que mau hálito você tem!

O Lobo, furioso, parte para cima de Chapeuzinho que lhe pergunta o que fizera com sua avó, ele diz que já deu um jeito nela, sendo a menina a próxima; a vovó sai do armário toda amarrada e, nesse momento, o lenhador entra pela janela com um machado na mão. Todos se assustam e, então, chega a polícia, o chefe de polícia e, por último, o inspetor Nick Pirueta que conduzirá o interrogatório.

ETHOS: construção através da desconstrução da 1ª narrativa

Inspetor: Vamos ouvir a história que o lobo tem para contar. (...)

Lobo: – Eu sei a verdadeira história.

O lobo é um repórter investigativo, sua fala inicial nos remete às implicações feitas pelo narrador do início do filme: há algo a mais nessa história e só vamos saber se virarmos as páginas do livro. Ele

CRÍTICA LITERÁRIA II

já é conhecido do inspetor, pois esteve metido na história da galinha dos ovos de ouro, investigando o caso. Esse segundo narrador se revela como um repórter que sabe a verdadeira história; ele tem uma coluna “*Fatos e Contos de fada*” e investiga, há seis meses, o bandido guloso que rouba as receitas dos moradores da floresta. Quando começa a narrar, o livro, novamente desfolhado, abre na primeira página e a câmera pára, de novo, na casa de onde a menina sai em sua bicicleta para fazer entregas. O canídeo está passando e a ouve cantando; ao vê-la passar, segue-a, pois quer descobrir para quem trabalha. Dentre tantas interrogações, ele quer saber “*por que o capuz vermelho?*” e vai buscar informações com um carneiro que, subornado, fala-lhe sobre a vovó e a menina e que esta última subira a montanha num bondinho.

Através de um aparelho que capta sons, ouve-a falar com o bichinho felpudo sobre o bandido guloso e, precipitadamente, conclui que ela trabalha para o tal. Vê quando ela cai, porém, em sua narrativa, parecia querer ficar escondido para não ser visto por Chapeuzinho, porém o esquilo, seu parceiro, cai na frente dela e isso o obriga a se aproximar e iniciar uma conversa. Ele quer ver o que há na cesta que carrega, mas ela não deixa. Nesse ínterim, ligeirinho, o esquilo, prende-lhe a longa cauda na máquina fotográfica e o Lobo emite um grito, fazendo um gesto que a assusta. Ela, então, foge desesperada pela floresta.

Essa cena evoca a capa do livro que aparece no início do filme, mas como diz o narrador inicial, um livro não pode ser julgado por sua capa, é preciso virar as páginas. O narrar do Lobo é como o virar de página para se entender o porquê de seu grito e de seu gesto assustador, desconstruindo o que ficou entendido com o narrar de Chapeuzinho.

Perseguida por aquele que ficou tradicionalmente conhecido como o vilão do conto, ela o vence com a ajuda dos pássaros. Ele promete que vai pegá-las – ela e a avó – e provar que ambas são más. Como no conto tradicional, ele quer chegar à casa da vovó antes da menina e é o coelho que lhe ensina um atalho pelo rio. Acabam, lobo e esquilo, chegando aos trilhos na montanha e logo entram num carrinho. Passando por um túnel, o esquilo acende algo que pensa ser uma vela, vendo que é dinamite, tentam apagá-la e acabam acenden-

do as demais, vendo-se obrigados a jogá-las fora, explodindo os trilhos por onde Chapeuzinho também vai passar. Contudo, conseguem chegar antes dela, ao mesmo tempo em que a vovó; esta se enrosca toda em seu pára-quadras, caindo dentro de um armário. Em seu depoimento, o Lobo revela que a vovó já estava amarrada, então o urso, o chefe de polícia, lhe pergunta:

– Você disse que a velhinha já estava amarrada, como aconteceu isso?

Lobo: – Eu não sei, talvez pra ela se passar por inocente. Eu só escrevo as notícias, eu não produzo.

Ele acredita que a vovó e a neta são más, as provas que superou e seu depoimento estão relacionados ao *ETHOS* (Maingueneau, 2004, 95-103, 213), pois, intencionado a provar que elas são as verdadeiras vilãs, constrói sua auto-imagem, desconstruindo a narração do ponto de vista da menina e se despojando da velha concepção de antagonista. Ao se falar em lobo, nos contos de fada, o discurso que se produz se harmoniza com a imagem cristalizada que dele se tem, é um discurso centrado na tradição: o lobo é sempre mau, porém, a partir de indícios na narrativa desse personagem no filme, ou sua “*maneira de dizer*” que remete a uma “*maneira de ser*” (*Ibidem*) (uma identidade, um caráter), vê-se que não há harmonia do discurso com o personagem lobo de modo que o espectador constrói (dá corpo) a figura de um sujeito que em nada se assemelha ao do conto tradicional. Esse espectador, porém, não confere o *status* de “más” a vovó e a menina, tão pouco tem dúvidas quanto ao caráter dessas, pois, de fora e distanciado, ele dispõe de uma história a partir de quatro perspectivas que o ajudarão a chegar à verdade que o Lobo diz conhecer, mas se equivoca. Esse espectador precisa estar atento ao desfolhar das páginas do livro.

DIGRESSÃO: O PONTO DE VISTA DE QUEM DESCONHECE A NARRATIVA CENTRAL

Inspetor: – Olha, eu quero saber mais sobre esse sujeito com o machado. Como ele entrou na história?

A questão a ser respondida com essa terceira narrativa é: como explicar a entrada do lenhador na história? Podemos inferir que há um questionamento em relação à versão de “*Chapeuzinho Vermelho*”, segundo os irmãos Grimm, que introduziram um caçador no

CRÍTICA LITERÁRIA II

conto. Desse modo, a história do lenhador é como uma digressão da narrativa central, que será retomada pelo depoimento da vovó.

Quando este começa a narrar, o livro novamente é desfolhado e aberto na mesma página só que a câmera não pára na casa da menina, avança para um estúdio na floresta, onde Francis, fazia um teste para um comercial de creme para calos nas mãos; ele não fora muito bem e, muito desanimado, sai dali; a menina passa por ele de bicicleta. O aspirante a ator dirige um caminhão de doce no palito, ao voltar para o seu trabalho de sempre, enquanto vende doce e diverte as crianças, seu carro é assaltado, isso o deixa desesperado, pois pode perder o emprego. Nesse momento, porém, recebe uma ligação do estúdio onde estivera: estão-lhe dando uma nova chance. Empenhado em encontrar um lenhador dentro de si, deixa o caminhão ali e sai pela floresta, derrubando-lhe as árvores, a fim de realizar seu sonho. Já é noite quando está terminando de cortar uma espécie gigantesca e ouve um grito vindo da casa da vovó; decidido a ir até lá, a árvore cai e rola atrás dele; não conseguindo ser mais rápido do que aquele tronco enorme, se vê obrigado a nele subir. Ficando preso entre duas árvores, o tronco o joga pela janela da casa da vovó no momento em que o Lobo está falando: – “*Eu já cuidei da sua avó, você é a próxima*”. Todos se assustam com aquele homem enorme com um machado na mão. O efeito de seu narrar sobre o inspetor levou-o a concluir que, entre todos, aquele ator era o que menos sabia sobre toda aquela história. Tudo apontava para a vovó.

RETOMADA E ENCADEAMENTO DE ALGUNS PONTOS DAS 1ª E 2ª NARRATIVAS

Inspetor: – Quem diria, vovó, talvez não seja a grande confeitadeira que todos pensam que é. Está roubando receitas para proteger seu império açucarado?

Vovó: – Oh, não, senhor Pirueta, meu único crime é fazer guloseimas escandalosamente deliciosas.

Chapeuzinho: – A minha avó não guarda segredos e, mesmo que guardasse, ela me contaria tudo. Contamos tudo uma pra outra, não é vovó?

Vovó: – Claro, querida, quase tudo.

Chapeuzinho: – Quase tudo?

Inspetor: – O que está escondendo, vovó?

Vovó: – Minha família se preocupa muito, eu não queria que eles descobrissem.

Inspetor: – Descobrissem o quê?

Chapeuzinho: – É, o quê?

A vovó começa seu depoimento e o livro, rapidamente desfolhado, se abre de novo na primeira página; a câmera, também muito rápido, avança para a montanha onde a esquiadora salta de um avião. A história volta à cena do primeiro telefonema da menina: sua avó está com algo na mão e do modo como é mostrado parecem agulhas de tricô, porém quando a câmera mostra-o por inteiro, vê-se que são equipamentos para esquiar. A vovó do conto tradicional (Grimm) está doente, a do filme é cheia de saúde e não gosta de ficar em casa tricotando, ela gosta de praticar esportes radicais, mas não conta à família para não preocupá-los; ela não tinha tempo livre para receber a neta e está de saída para um campeonato de esportes radicais na neve quando esta liga a primeira vez. A cena volta para a montanha onde aparece o coelho, a quem dá um autógrafa, e uma equipe européia de esquiadores cuja missão é destruí-la. No momento em que a menina liga segunda vez, ela atende no celular exatamente na hora em que está enfrentando os bandidos e diz:– *“Tenho que desligar querida”* – emitindo um grito que assusta a neta. Ao perguntar ao esquiador trapaceiro para quem trabalha, este lhe responde: – *“Fui contratado pelo vilão do filme.”*

Nessa narrativa, as cenas são mostradas de modo simultâneo: para vencer, ela provoca uma avalanche, que acontece no momento em que, primeiro, o Lobo com o esquilo e, depois, Chapeuzinho com o bode passam de carrinho pelos trilhos na montanha. Escapando de pára-quedas, vê a neta caindo e grita: – *“Chapeuzinho, use o seu capuz, use o seu capuz.”* Ao olhar para baixo, próximo à sua casa, vê o Lobo chegar com o esquilo; ela entra pela chaminé e seu pára-quedas prende no ventilador, enroscando-se todo nela que cai dentro do armário onde guarda seus troféus. Quando a menina chega, o Lobo joga o esquilo onde está a vovó e, no momento em que a surpreende, sua avó consegue, usando o esquilo, abrir a porta e sair, ainda amarrada. Ela diz ao inspetor: – *“Eu teria cuidado daquele lobo sozinha,*

CRÍTICA LITERÁRIA II

mas aí aconteceu a coisa mais doida do mundo”: a entrada inesperada do lenhador pela janela.

Ao ver que sua avó mentira, a menina diz que não sabe mais o que significa ser uma Puckett e, ela que nunca tirava o capuz, aborrecida, deixa-o cair no chão e sai; lá fora os repórteres percebem que está sem o capuz. Sentada à beira de uma cachoeira, lembra do diálogo com sua avó na cozinha da casa da matriarca onde esta lhe fala sobre a tradição do capuz e dos doces para as Pucketts e sobre o livro de receita como um livro de memória

O que amarra as quatro histórias? Após todos os depoimentos, o inspetor começa a amarrar a história, voltando-se para alguém que esteve presente na narrativa de cada um: o coelho.

Inspetor Nick – parece que está faltando outra peça nesse jogo: alguém que esteve envolvido na história de todos vocês. Sim, tem mais alguém, o único que estava com a Chapeuzinho quando ela caiu, que conhecia um atalho para a casa da vovó, que conhecia os esquiadores cruéis e alguém que estava lá, quando o caminhão de espetinho foi levado.

Vovó: – Essa não, o coelhinho!?

Aqui se revela a *inversão*: o Lobo se livra do status de mau como queria, sendo este conferido, não à vovó e sua neta, como pensava o mamífero canídeo, mas ao coelho, o animalzinho felpudo sobre o qual, até aquele momento, não caíra nenhuma suspeita.

Última prova: A última prova será recuperar o livro das mãos do bandido. O coelho entra na casa da vovó, coberto com um capuz vermelho, e rouba o livro de receita da mão do porquinho, um policial que acabou dormindo, pois já era madrugada; Chapeuzinho o segue, mas é presa pelo vilão e, em seguida, salva, graças à colaboração do Lobo, do lenhador, à coragem da vovó e seu tradicional capuz vermelho. Os quatro narradores-personagens dessa história, num verdadeiro trabalho de equipe, conseguem resgatar o livro de receita da família Puckett.

Ao voltar a usar o capuz, Chapeuzinho volta a carregar uma TRADIÇÃO familiar e ao recuperarem o livro de receitas, eles, na verdade, realizaram O RESGATE DA MEMÓRIA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3ª ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido*. Rio de Janeiro: ENELIVROS, 2005.

TORREIRA, Ramon Quintela. *Estudos adicionais e complementação pedagógica – Série Literatura Infantil – Módulo 3: Contos de fadas [sic]*. Projeto crescer – Ensino individualizado. Fundação Brasileira de Educação – Niterói, 1985.

GRIMM, Jacob e GRIMM, Wilhelm. *Chapeuzinho Vermelho*. Disponível em <http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/a8.htmV> Acesso em 25/03/2007.

FILMOGRAFIA

Deu a louca na Chapeuzinho (Hoodwinked, 2005). Diretores Cory Edwards, Todd Edwards e Tony Leech.